



WEBER, Ingrid. Um copo de cultura: os Huni Kuin (Kaxinawá) do Rio Humaitá e a escola. Rio Branco: Edufac, 2006, 255pp.

**Juliana dos Santos Figueiredo
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)**

A obra *Um copo de Cultura* foi escrito por Ingrid Weber, nascida no Rio de Janeiro em 1974, formada em Ciências Sociais pela Unicamp em 1997 e Mestre em 2004 pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ); participou do Núcleo de Transformações Indígenas/PRONEX e desde 1998 é assessora do Projeto de Autoria no programa de educação não governamental Comissão Pró-Índio do Acre.

A obra analisada foi organizada em duas partes, a partir da introdução. O texto desperta a curiosidade do leitor desde o prefácio, escrita por *Txai Terri Valle de Aquino*, onde descreve o principal personagem de Ingrid, o senhor “Sueiro Sales Cerqueira”, como é conhecido, este importante líder na região do rio Jordão apresenta o início das pesquisas com os kaxinawá e as relações com os seringueiros do Acre, instigando o leitor com os conflitos e a relação violenta com patrões seringueiros e o poder e a influência das organizações. Por fim aborda o papel da FUNAI e as observações da autora sobre a escola Kaxi, onde diz que a obra é fruto das assessorias a escola Kaxi e as visitas as aldeias.

Na introdução da obra a autora faz uma descrição da autora sobre a origem de sua obra que segue descrevendo “os índios na escola” a partir de suas publicações iniciais sobre a temática da educação indígena no Acre, no I Encontro Nacional de Trabalho sobre Educação Indígena realizado em 1979 pela Comissão Pró-Índio de São Paulo. As reflexões começam a partir dos questionamentos de Collet (2001) sobre o significado da interculturalidade, questionando o seu significado; qual seria a integração entre as culturas? E como se dariam? Através de quais princípios? E o que está se definindo como cultura? Ingrid deixa claro que não



quer apenas responder essas questões, mas situá-las e pensá-las a partir dos contextos etnográficos específicos.

Os Huni kuin (kaxinawa) não se reconhecem como kaxi, pois segundo Ingrid em seus relatos “kaxinawá” foi uma determinação dos brancos.

Ocorre um enfoque em relação “bilíngue e intercultural” como forma de escolarização de populações indígenas, discutida há décadas em vários países da América Latina. “A escola indígena é apresentada tendo como elemento básico de sua definição a sua localização em terras habitadas por comunidades indígenas, a exclusividade de seu atendimento à população indígena” e o ensino deveria ser ministrado nas línguas maternas e nas segundas línguas das comunidades atendidas e uma organização curricular própria. (MEC, 2002:5 *apud* Weber 2006).

E a partir de Jon Landaru (1998, p.67) a autora nos apresenta o papel da escrita e sua relevância no contexto da educação indígena, “não tendo muito sentido estar a favor ou contra a escrita”.

Esta representa uma mudança extraordinária nas condições de conhecimento e de drásticas no sentir, pensar e viver, que são recebidas às vezes bem, às vezes mal. Não estamos frente às técnicas de comunicação como a um produto de mercado que se pode comprar ou não e que, se comprado, é preferido com tais características e sem tantas outras. A escrita não é um produto, é uma tecnologia do intelecto, um poder que se oferece a cada um e que todo mundo vai adquirindo. Não há opção de não aceita-lá, salvo em condições excepcionais e pouco duradouras. A verdade é que a suposta que a capacidade de escolha que as comunidades indígenas puderam ter estava diretamente relacionada à sua marginalidade: a escrita não havia chegado até lá. (LANDARU, 1998 p.67 tradução Weber *apud* WEBER, 2006).

Para a produção da primeira parte da obra é utilizado a pesquisa através da história oral e de seu diário de campo onde, a autora descreve que os kaxinanawá estão distribuídos em 12 terras indígenas localizadas no estado do Acre. No Peru, segundo dados do Instituto Nacional de Recursos Naturales (INRENA, 2005), há 1.428 pessoas desses grupos linguísticos na província de Purus o que totaliza uma população de 6.704 indivíduos (Brasil e Peru).

A obra apresenta os kaxi em três tempos: o histórico, social e o econômico. O Tempo das Correrias marcado por violentos conflitos e expedições armadas, que resultaram em massacres, introdução de doenças viróticas, acirramento de conflitos



intertribais, ocupação dos antigos territórios pelos seringueiros. O segundo período ficou conhecido como o Tempo de Cativo, iniciado a partir da inserção da população Kaxinawá nos seringais da região; foi marcado pela escravidão de dívidas impagáveis a partir das instalações dos seringais da região que realizavam uma dupla exploração, alterando os preços das mercadorias e alteravam o peso da borracha, além das constantes ameaças de expulsões das colocações e pesados preconceitos associados à categoria caboclo como os Kaxinawá, situação que se perpetuou até 1970. E finalmente, o assim chamado Tempo dos Direitos, sendo destacado pela livre comercialização da borracha pelo movimento das cooperativas 'kaxi', pelo surgimento das escolas e da educação indígena diferenciada. Após a crise da borracha, as aldeias iniciam um forte movimento de pró- cultura.

O cenário local habilmente contextualizado dedica-se à história da colonização e da subjugação dos Kaxinawá na cidade de Humaitá onde o sistema de aviação nos seringais foi implantado em suas terras no começo do século XX tornando os Kaxis vítimas de perseguições (ataques e massacres organizados), alguns dos sobreviventes fugiram e outros começaram a trabalhar para os "patrões" na condição de *debt-slaves* — "escravos de endividamento". Até a segunda metade do século, a maior parte do grupo em foco vivia dispersada em "colocações" e seringais distantes, só vindo a reagrupar-se após 1977, quando o Estado começou a reconhecer no Acre a existência de povos indígenas, com direito a territórios próprios. Como os demais indígenas do Acre, os Huni Kuin do rio Humaitá participam do recente movimento político e social pró-direitos indígenas, defendendo o direito a terra, à autonomia econômica, à participação e à representação política, e ao apoio do Estado, sobretudo nas áreas de saúde e educação. Weber mostra neste contexto o papel central do desenvolvimento da educação indígena neste movimento, detalhando a participação dos professores e das lideranças Huni Kuin e descrevendo a atuação imprescindível das ONGs regionais, especialmente a Comissão Pró-Índio do Acre. Essa organização, o "CPI-AC", é responsável por uma das mais bem-sucedidas iniciativas em educação indígena no Brasil, através de um projeto que teve seu início em 1977, levando, inclusive, a uma primeira intervenção na área do Humaitá em 1978, documentada no livro. Weber explora as distintas



fases da educação escolar nessa área nas décadas seguintes, e também a participação do CPI.

Nesse período, a população cresceu, a agilidade e a atuação política das lideranças no cenário regional aumentaram, um número cada vez maior de Huni Kuin foi alfabetizado e a escola tornou-se uma instituição central.

Atualmente, os povos indígenas do Acre estão inseridos num processo social e político em que o "movimento pró-cultura" tem papel de destaque, como ocorre em outras regiões do Brasil. Weber focaliza este movimento a partir das suas manifestações na Terra Indígena do Humaitá e na região da cidade de Tarauacá-Acre.

Na parte II, denominada por Weber uma Etnografia da Escola Kaxi entre os Huni Kuin ou Kaxinawá, o cupixau é a escola e a escola é o cupixau. Cupixau é a antiga casa comunal, emblema e espaço de chefia, referência e centro da vida aldeã, ou seja, no convívio em comunidade. E "viver entre parentes" é um desejo sempre perseguido; assim era também no tempo sofrido da dispersão pelos seringais, sob o jugo dos patrões cariús, fossem eles carrascos ou amáveis. E "viver entre parentes" equivale a ser feliz, para os Kaxi. E a vida vale a pena se é para ser feliz. Ao reconstituírem suas aldeias, depois do ocaso da economia da borracha, já era o tempo de outras novas experiências: a cooperativa, o mercado, a escrita, a escola. Nessa parte da obra Weber faz uma análise das práticas e discursos da educação (escolar) indígenas em suas versões anteriores e posteriores à 'invenção' da assim chamada educação diferenciada, específica, intercultural e bilíngue, antes e depois da invenção da cultura como objetivação de um modo de ser e de uma história no mercado simbólico da modernidade (amazônica).

A autora aborda que a escola Kaxi, hoje, é um híbrido criativo de transformações, verdadeiramente intercultural, diferenciada e específica, lá onde a ideologia oficial não enxerga nem interculturalidade, nem especificidade, nem diferença. Um copo de cultura fala a partir dos Kaxi do rio Humaitá.

Em relação ao processo de ensino aprendizagem, apesar das formações interculturais, é um ensino mecânico, bem tradicional, baseado na escrita repetida de palavras ou frases (copia) e na repetição, associada às partes do corpo.

Segundo tal esquema, a escrita teria sido, em princípio, uma habilidade associada às mesmas partes do corpo que a tecelagem: os olhos e as mãos. Enquanto uma habilidade associada aos olhos, a escrita foi percebida como uma prática praticamância, sendo que o uso do termo *kene* para letra parece ser, também, indicativo dessa relação. Já como habilidade associada às mãos, a escrita teria sido relacionada a uma competência física que emergia através da repetição dos movimentos manuais num contexto apropriado. A associação da escrita a essas partes corporais, ainda que se dê de modo sutil, permanece repercutindo em sua semelhança com os processos de aprendizagem de várias habilidades tradicionais e, especificamente, da tecelagem. (WEBER, 2006 p.201)

O não aprendido, segundo Weber (2006), volta-se para o aprendiz, onde o aluno que não aprende é por falta de capacidade dele mesmo, e o professor ou sua metodologia para eles não interferem na aprendizagem. Além do processo de alfabetização durar até quatro anos. “Como visto, todos esses aprendizados se baseiam em uma ‘educação da (James Gibson *apud* Ingold), havendo, portanto, uma forte ênfase na ‘observação e repetição’ em contraposição a praticamente ausente ‘explicação’.” (WEBER, 2006 p.201)

Vários depoimentos elencam no livro a relação da aprendizagem com a fitoterapia para facilitar o aprendizado. “Há, no entanto, vários tipos de “remédios da mata usados de diferentes formas (banho, infusões), em distintas partes do corpo, e atendendo a propósitos diversos.” (WEBER, 2006 p.201)

Para os discentes a escola não é um fardo como para muitos não índios. “A escola é vista como diriam os kaxinawá, como a principal via de acesso a cursos e crescentes oferecidos às populações indígenas, o que é objeto de desejo incontestado de todos os jovens do Humaitá”. (WEBER, 2006 p.220)

A escola também tem propiciado em Humaitá a introdução dos saberes especializados da ‘cultura’ no âmbito escolar, propiciando outro sentido, além dos conhecimentos tradicionais de ensino, mas o (re) aprendizado dos saberes kaxinawá. “Pois sem as festas os cantos estavam se acabando”. (WEBER, 2006 p.221)

Os professores, neste contexto, neste eram parentes de pessoas influentes de suas comunidades e na maioria dos mesmos iniciaram seu trabalho como professor somente com o conhecimento que tinham, (...) “pois a maior parte das aulas não foi ministrada por professores propriamente ditos. Com o tempo o professor contratado, com maior experiência, costuma se envolver com os outros



cargos e tarefas, o que inclui viagens frequentes, deixando o seu trabalho em sala de aula, na maioria das vezes, com seu filho mais velho ou parente muito próximo. ” (WEBER, 2006 p.236)

Em suma, nota-se que a noção de "cultura" — ou melhor, as distintas noções de "cultura" que estão em jogo quando se trata de povos indígenas e de educação indígena — compõe o tema principal do livro. Como a autora demonstra com habilidade, nesse âmbito, o processo político, fruto da história de escravização nos seringais e da subsequente emergência das áreas indígenas autônomas, está intimamente envolvido na constituição de uma noção própria de "cultura". Práticas desenvolvidas em tempos pré-colonização, como contar mitos, cantar músicas, montar rituais e participar deles ou tomar ayahuasca, são revalorizadas e "investigadas" pelos novos professores Huni Kuin e aplicadas no desenvolvimento de um programa de educação bilíngue. Esse processo de inovação, a partir de uma base de formas culturais preestabelecidas, rapidamente aparece como uma maneira eficaz de constituir "comunidades".

Porém, percebe-se um cuidado de Weber, para com a proximidade que tinha com seu objeto de pesquisa, não apresentar a sua visão dos fatos, mas expor o contexto documentado em suas entrevistas e no diário de bordo, contudo na primeira parte, é possível o leitor perceber em suas narrativas o grau de intimidade com alguns núcleos de sua pesquisa.

A obra aponta para sinalização dos possíveis caminhos sugeridos pelo trabalho em foco, onde a autora nos oferece uma obra estimulante e envolvente. Através da teoria nos fez pensar, sua metodologia leva outros pesquisadores ao agir em seu trabalho adaptando técnicas e recursos tecnológicos como foram coesos a sua proposta de pesquisa.

Como vimos, a etnia destacada foi Kaxiawá; o loco apresentado foi o resgate dos mitos, cantos e festas; geograficamente a pesquisa aborda indivíduos do Acre, Humaitá e ao longo dos rios. Em relação aos kaxi que residem nas terras do Peru a autora apenas faz referencia a eles em alguns trechos da obra, porém nos os cita em seus relatos.